

ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O DEBATE SOBRE “ESPAÇOS LUMINOSOS”

Rafael Rossi¹

O ensino de Geografia pressupõe a reflexão espacial crítica sobre a distribuição dos bens e das riquezas pelo espaço geográfico (entendido aqui enquanto categoria necessária ao educador/a para problematizar discussões sobre o atual processo de produção do espaço urbano e as desigualdades também presentes e historicamente produzidas no campo) e suas articulações com o meio natural. Partindo desse princípio, abandona-se a visão e compreensão ainda vigente em muitas salas de aula resumindo e simplificando de maneira imatura e superficial a ciência geográfica à mera descrição passiva da paisagem, corroborando para uma significação de “disciplina que basta decorar”.

Neste texto não iremos aqui elencar os diversos e múltiplos fatores que contribuem e influenciam para o panorama traçado acima. Tomando por base as exposições presentes nos textos e palestras do pensador marxista Slavoj Žižek², temos por objetivo neste pequeno ensaio contribuir para ampliar debates e questionamentos que ajudem a problematizar a realidade social, tendo por base o contexto espacial, no ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos – EJA e não apontar respostas rápidas e imaturas.

A partir de nossa experiência em salas de aula que contemplem essa modalidade de ensino, acreditamos que a politização trata-se de um recurso metodológico poderoso e propício de ser estudado junto aos debates que surgem em sala de aula com os educandos/as. Estes tiveram, predominantemente, suas trajetórias de vida marcadas por inúmeras explorações, humilhações, exclusões e decepções que reforçam a relevância

¹ Aluno mestrando em Geografia na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com

² Para esse filósofo a Filosofia serve e ajuda para realizar as perguntas e não em indicar respostas.

em pensar em estratégias pedagógicas que tenham sempre em pauta de suas preocupações não contribuir para baixar o pertencimento desses agentes com relação ao ambiente educacional. Como é apontado pelo caderno: “Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – Alunos e Alunas da EJA” do Ministério de Educação:

Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação. Quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior à sua. (MEC, 2006, p. 15)

Como já discorremos em trabalhos passados, defendemos que tratar da politização na EJA implica em pensar dialeticamente sobre as inúmeras contradições que se manifestam em contextos espaciais inerentes ao desenvolvimento perverso e castrador do modo capitalista de produção. Dessa maneira a Geografia permite ampliar nossas visões de mundo uma vez, que através dos ensinamentos de Paulo Freire, podemos unir o saber científico com a cultura popular e os saberes que os educandos/as nos apresentam e carregam diariamente em cada fio de cabelo, cada ruga no rosto, cada sorriso, cada aperto de mão, enfim em cada manifestação autêntica e genuína de seu modo de vida e de sua história.

No atual período de eleições, percebemos mais uma vez que a EJA aparece raramente e em rápidas falas dos candidatos. No entanto, o espaço em que se localizam suas salas de aula, ou em que residem seus educandos/as torna-se, neste momento, um “espaço luminoso”. Santos (1994) se refere a espaços luminosos para indicar um nível de desenvolvimento das técnicas e dos fluxos de informações, pessoas e mercadorias que atendam adequadamente o atual ritmo do processo de globalização, servindo de dinâmica necessária e que reforça a hegemonia dos agentes dominantes. “Espaços opacos”, por sua vez, referem-se a espaços em que tal dinamicidade ainda não conta com tal sinergia e energia estruturante, sendo muitas vezes compreendidos e assimilados de maneira preconceituosa como sinais de “atraso e ignorância”.

Por que essa reflexão pode aparecer na sala de aula de EJA junto ao ensino de Geografia? Ora, em geral, os educandos/as são moradores que sofrem, enfrentam e lutam diariamente com o processo de exclusão social, sendo em muitos casos, residentes

de áreas de atuação dos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS e usuários de programas sociais municipais, estaduais e etc, aparecendo inclusive em inúmeros indicadores sociais dos diversos órgãos de pesquisa. Nossa trajetória até o momento, permite-nos afirmar que salvo a época de eleições, tais espaços não são freqüentados continuamente pelos candidatos a prefeitos e vereadores. Justamente o contrário, durante a maior parte do tempo, tais espaços ficam à mercê das agendas políticas, se restringindo a ações esporádicas, imediatistas e de pouco impacto social duradouro.

Nas eleições tais espaços, em geral opacos, transmutam-se em luminosos. Tornam-se a “menina dos olhos” da maioria dos candidatos que desesperadamente apertam as mãos dos moradores, os abraçam, realizam promessas, sorriem amavelmente; porém dilaceram cada vez mais as oportunidades de igualdade ao acesso ao conhecimento e à educação. A EJA ainda enfrenta graves cenários, seja na escala intra-urbana seja na nacional. Se por um lado alguns podem afirmar que hoje em dia o acesso à informação dá-se de modo mais democrático e abrangente, perguntaríamos no mínimo e quanto às oportunidades de uma educação crítica e reflexiva sobre tais informações?

Essas reflexões são passíveis de serem aprofundadas e discutidas na aula e ensino de Geografia, já que concordamos com Sader (2008) que: “Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em *shoppings centers*, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro” (SADER, 2008, p. 16). Precisamos unir forças e debates no ensino da EJA, posicionando-nos politicamente de maneira consciente e engajada. A indagação de Mészáros (2008) ajuda nesse posicionamento:

Será que a aprendizagem conduz à autorrealização dos indivíduos como *indivíduos socialmente ricos* humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente intolerável do capital? (MÉSZÁROS, 2008, p. 47)

Acredito que essa provocação deve ser levada em consideração pelos educadores/as de Geografia na EJA, a fim de que os mesmos assumam atitudes e ações ao menos de modo mais pensado e raciocinado, e não de modo superficialmente analisado como, por exemplo, em muitos cursos de especialização oferecidos pelo Estado aos professores da rede de ensino pública, em muitos casos com fracas discussões, em

troca de pontuações que minimamente interferem nas condições estruturais do trabalho docente. Defendemos que a Geografia e seu ensino de maneira emancipatória, que respeite e valorize a cultura popular dos educandos/as pode ajudar no debate rumo a uma educação que vá além do capital, já que: “Não é surpreendente que na concepção marxista a efetiva transcendência da *autoalienação do trabalho* seja caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional” (MÉSZÁROS, 2008, p. 65)

Referências Bibliográficas:

BRASIL, Ministério de Educação. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – Alunos e Alunas da EJA**. 2006. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/index.php>> Último acesso em: Julho/2012.

MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994

SADER, E. **Prefácio**. In: MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008